



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

Amor, desejo e gozo

Ilka Franco Ferrari

No Seminário “mais, ainda¹” se lê que o amor é o que permite ao gozo condescender ao desejo, modo de dizer da saída de uma satisfação encerrada em si mesma. Ali está o amor mediador de possível dialética entre gozo e desejo, em caminho que chegará a situá-lo na dignidade de fazer suplência à não relação sexual, diferentemente de sua simples natureza narcísica.

Nesse seminário, como afirma Miller², o amor portanto é mais que o amor, está revalorizado, em posição de estabelecer laço, acesso ao Outro do Outro sexo. No contexto do autoerotismo das pulsões, Lacan chegou à imagem da boca que beija a si mesma, pois nelas não existe o Outro, supõem satisfação com objeto interno, sustentando sua formalização de que não há relação sexual. O amor apareceu respondendo sua pergunta acerca das possibilidades de enlaçamentos com o Outro, da mônada do gozo se vincular à dialética do desejo e, por isso afirmou que o amor funda o Outro, busca o ser do Outro, recorda Miller.

Na atualidade vive-se, em modo lacaniano de dizer, no registro simbólico ordenado pelos uns que se equivalem e não pelo Um de exceção. Neste contexto Brousse³ considerou a perversão polimorfa, proposta por Freud, presente na sexualidade adulta, contando com a dimensão do ato sexual. E se perguntou como fica, nesta época, a dialética do desejo e do amor. Vale lembrar, Freud ensinou que sob a influência da sedução as crianças podem ser levadas a todas espécies de irregularidades, porque lhes faltam as barreiras da vergonha, repugnância e moralidade. Seguir Brousse é constatar que os adultos atuais reivindicam tal polimorfia e a atuam, na clareza de que não existe a relação sexual. O gozo tem curto-circuitado a palavra e, conseqüentemente, o desejo, já que a perversão sem o pai não permite sair da imagem.

Este cenário possibilita pensar que o amor, na atualidade, é fluido. Mas, se amar é dar o que não se tem, é reconhecer a falta e doá-la ao outro, nestas circunstâncias da vitória da perversão no campo do desejo, cada qual investindo em seu estilo de vida repleto de objetos mais de gozar, resta o gozo liberado da crença na relação. E advém a reflexão de que a fluidez é do sexo e não do amor, tal como certo dia Ram Mandil afirmou, em discussão realizada no Cartel Amores fluidos.

[1] LACAN, J. *O Seminário: livro 20 mais, ainda*¹. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

[2] MILLER, J-A. *El partenaire-síntoma*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

[3] BROUSSE, M-H. *O amor no tempo do “Todo mundo dorme com todo mundo – O saber de Crstophe Honoré”*. In: ANTELO, M. (Org.). *Mulheres de hoje – figuras do feminino no discurso analítico*. São Paulo: Kbr Editora, 2012.